

**DEPOIS DAQUELE DIA**



# Depois daquele dia

MARINA MATOS



© Moinhos, 2017.  
© Marina Matos, 2017.

*Edição:*  
Camila Araujo  
Nathan Matos

*Revisão:*  
LiteraturaBr Editorial

*Diagramação e Projeto Gráfico:*  
LiteraturaBr Editorial

*Capa:*  
Lily Oliveira

1ª edição, Belo Horizonte, 2017.

*Nesta edição, respeitou-se o  
Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.*

M425d  
Matos, Marina | Depois daquele dia  
ISBN 978-85-92579-26-5  
CDD  
Índices para catálogo sistemático  
1. Romance 2. Romance Brasileiro 3. Jovem Adulto I. Título

Belo Horizonte:  
Editora Moinhos  
2017 | 96p.: 21 cm.

Todos os direitos desta edição reservados à  
Editora Moinhos  
editoramoinhos.com.br  
editoramoinhos@gmail.com

*Para Cleber e Agnes,  
toda minha gratidão e pertencimento.*



## **PARTE 1**





## *Há um ano*

Aquele foi o dia que você me deu um abraço que durou mais do que posso lembrar. Foi um abraço completo, de corpo inteiro. Estávamos colados, quase fundidos, na verdade. Lembra? Mesmo assim, de um jeito estranho, ainda era calmo e simples, como a coisa certa a se fazer. Foi você que começou com a ideia, já entrou na sala abrindo os braços e pedindo que eu te abraçasse; eu, como sempre, aceitei de bate-pronto. Lembro o que senti ali. Sua respiração, seus dedos no meu cabelo, seu perfume. Meu queixo no seu pescoço. Eram muitos sentimentos em um abraço só. Depois a gente foi soltando assim bem devagar, como que para prolongar mais um pouquinho, só mais um pouquinho, aquele contato que em nós parecia um ímã. Ficamos parados tão próximos que por um segundo eu achei que fôssemos começar de novo. Você beijou minha testa, meus olhos, encostou os lábios nos meus com leveza, sorriu enquanto passava os dedos pelo meu rosto. Saímos juntos para o que quer que estivesse nos esperando lá fora. Se eu entrar naquela sala novamente, não me surpreenderia em nos encontrar ali. Seria uma daquelas experiências fora do corpo, onde vemos uma cena inteira em que somos os protagonistas. Tenho certeza que ainda estamos ali naquele enlace. Mas nunca mais virei naquela rua, que dirá passar por aquela porta. Certas coisas só duram mesmo o tempo de uma lembrança, nada mais. Ninguém presenciou a cena e, por não existir uma testemunha sequer, agora carrego esta lembrança como uma

prova de que existimos, algo que só nós fomos os merecedores de ter. Tudo aconteceu de verdade, repito constantemente em voz baixa para mim mesmo, não foi apenas um sonho bom.

## 1.

O relógio na parede marca 15:45. Há exatamente doze meses nossas vidas seguiram rumos diferentes. Nada mais foi como antes. Tenho guardado comigo cada detalhe do que aconteceu, apesar de não gostar de falar sobre isso. Parece que faz tanto tempo. Hoje penso que já sabíamos que aquela era uma despedida, só não falamos nada em voz alta. Foi um caso típico de desencontro, nós dois. Ou não. Agora estou aqui sentado nesta sala vazia e as lembranças me invadem sem pedir licença. “A gente se deu tão bem, que o tempo sentiu inveja, ele ficou zangado e decidiu que era melhor ser mais veloz e passar rápido pra mim”. Ouço a música que toca no ambiente como se fosse um amigo me dizendo as palavras, ou eu mesmo para o espelho. Você sabe como eu me apego a músicas nacionais, não é? Me sinto mais próximo de quem fala comigo – sempre falam comigo, essas benditas músicas. Às vezes acontece de chegar a letra certa no momento exato. Como agora, por exemplo. Mas precisava ser justo hoje? O que foi mesmo que eu vim fazer neste lugar? A verdade é que eu nunca vou entender os mecanismos que a vida usa para nos levar ao ponto em que devemos estar. Quem diria que hoje eu estaria exatamente aqui? Se alguém me dissesse que seria assim há um ano eu não acreditaria de jeito nenhum. Nada na minha vida pregressa me preparou para o que tenho vivido desde a tarde em que nos despedimos na sua casa.

## *Um mês depois daquele dia*

Era segunda-feira, meu dia preferido na semana, calcei meu tênis mais confortável, vesti a camiseta menos amassada do armário e sem arrumar o cabelo nem nada, abri a porta e saí. Pensei que poderia dar sorte me apegar nesses pequenos detalhes, você sempre gostou do meu cabelo bagunçado. Saí de casa como se pisasse na rua pela primeira vez. Dali a pouco chegaria a primavera, tempo de colorir um pouco mais os dias que andavam tão apagados. Aqui dentro o inverno ainda era rigoroso. Tudo parecia estar em seu devido lugar, as pessoas seguiam suas vidas normalmente falando ao celular, pagando contas, formando filas, carregando sacolas, entrando em seus carros estacionados na vaga demarcada do prédio. Estranho ver a vida acontecendo enquanto eu mal conseguia decidir se atravessava a rua ou permanecia onde estava. O sinal abriu, todos os pedestres começaram a andar ao mesmo tempo, apesar de cada um ter seu ritmo. Continuei andando, tentando decidir para onde ir, sempre olhando ao redor, parando um minuto ou dois nos casais nas mesas dos bares e me perguntando se aquilo se desenrolaria para o bem, ou se os levaria para o mal – e quem há de saber o que é o que para cada um? Ficava imaginando desfechos e motivos que os levaram àquele momento. Eu queria acreditar que não fomos os únicos. Eu já sabia que a crença no amor não havia morrido. Mesmo depois de tudo eu simplesmente creio, é quase uma inocência. A minha curiosidade naquele instante residia apenas em querer saber se existia

mais disso que vivemos em outras relações também. Será que só eu era exagerado assim? Que diabo foi isso que você fez comigo? Eu gostaria muito de compreender.

– Ei, seu Vinícius, é aqui que é pra colocar essas caixas? Assim tá bom?

Sou interrompido de meus devaneios pela voz grave do motorista do caminhão, Osvaldo. Ele é pequeno, mas se você ouvisse apenas sua voz, poderia jurar que é um daqueles seguranças de boate 4x4, como diria minha mãe. Osvaldo deve ter 1,60, no máximo.

– Não precisa me chamar de “Seu Vinícius”, Osvaldo, já te falei isso.

Ele coloca a caixa encostada na parede com um cuidado de quem carrega ovos e volta pro caminhão. O conteúdo delas é mesmo frágil. Minhas fotos impressas e enquadradas, prestes a serem colocadas nas paredes, nas marcas que eu mesmo fiz.

Será que isso que vivemos foi mesmo amor? Esta coisa torta, que até hoje não sei nomear, será que é mesmo amor? Talvez o amor seja torto e tudo bem, ou talvez nós é que tendemos sempre a enxergar o ângulo mais complicado. Tornei a lembrar nós dois.

Osvaldo volta assobiando uma canção de Caetano com a tranquilidade de quem tem a tarde inteira para cumprir suas tarefas. Na primeira vez que saí na rua depois daquele dia também andei com certa tranquilidade. Se era verdadeira ou forjada, a tal da calma, ninguém nunca saberá, sei que eu pisava manso e acreditava naquilo. Sempre acreditei no que de mais concreto me aparecia à vista, principalmente nos momentos de dor. Engraçado perceber

comportamentos repetidos em várias fases da vida, como se a gente achasse que se reinventa e evolui, quando na verdade tudo não passa de impressão. Às vezes, a mentira conforta. Eu queria que fosse algum tipo de pegadinha do meu inconsciente, mas não dava para me enganar mais, pensei comigo enquanto ia cruzando a Paulista – eu realmente tinha andado à beça, acabara de me dar conta. Precisava lidar com a sua ausência.